



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

CELULAR NO ESPAÇO HÍBRIDO: ARTICULAÇÃO ENTRE TECNOLOGIA E CURRÍCULO

Lhays Marinho da Conceição Ferreira

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, lhays.uerj@gmail.com

Ana Paula Pereira Marques De Carvalho

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, app_marques@yahoo.com.br

Danielle Gomes Rodrigues

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, grdanielle@hotmail.com

Juliana Virginia da Silva

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, juliana_nine@hotmail.com

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar a produção curricular que se constitui nas salas de aula, com a interferência e apropriações do uso dos dispositivos móveis, em especial o celular, algo comum entre os jovens de hoje. Destacamos o que o presente texto faz parte de uma pesquisa ainda em estágio inicial, mas que torna-se relevante a problematização e aprofundamento acerca da temática. A discussão parte de indagações sobre usos da tecnologia na sala de aula, a partir das mudanças no cenário educacional. É estabelecido um diálogo acerca das questões que se colocam no cenário educacional a partir dos usos dos celulares, dentro-fora das salas de aula, com apropriação das discussões dos estudos culturais e o pós-estruturais, com ênfase em autores como Homi Bhabha (2003) Entende-se que as tecnologias de informação e comunicação (TICs) se transformaram em grandes mediadores sociais e que no contexto pós-moderno nos deparamos com “os nativos digitais” (Prensky, 2010) como novos atores sociais. Além disso, compreendemos o ambiente escolar como um espaço híbrido e que nele há produção cultural do currículo. A hibridização do ambiente escolar se dá porque este espaço é móvel, conectado e social, criado pela constante movimentação de usuários que carregam aparelhos móveis; e também pelas relações sociais presenciais que ocorrem neste ambiente.

Palavras-chave: Tecnologia. Currículo. Educação. Celular.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

COMEÇANDO O BATE-PAPO

A comunicação, as tecnologias e a educação compõem uma relação de grande valia para a formação do homem do século XXI (CORTELAZZO, 1998). Atualmente, a tecnologia estabelece novas condições para que a comunicação social se insira nos espaços de aprendizagem, pois por meio de suas dinâmicas de produção e desenvolvimento do conhecimento, favorece a socialização do saber entre os sujeitos.

As tecnologias da informação e da comunicação (TICs) se transformaram em grandes mediadores sociais. Estas são importantes porque atingem a maioria das esferas das atividades humanas, “desde as formas e práticas de organização social até o modo de compreender o mundo, de organizar essa compreensão e de transmiti-la para outras pessoas” (COLL E MONEREO, 2010, p. 17). As tecnologias da informação e comunicação têm sido “instrumentos para pensar, aprender, conhecer, representar e transmitir para outras pessoas e para outras gerações os conhecimentos adquiridos” (COLL e MONEREO, 2010, p. 17) e estamos cercados pelas TICs onde quer que estejamos.

Os novos meios de comunicação, como a internet, têm em sua gênese a capacidade de interação entre quem produz o conteúdo e o público que este conteúdo é destinado (AMORA, 2011). Como ocorre nos *blogs*, *sites*, *chats*, no qual quem recebe a mensagem constitui a própria mensagem, por meio da interação; pois no blog há sempre um espaço para comentários dos leitores que podem criar novos conteúdos e *posts*, desencadeando em um ciclo de interações no *ciberespaço*.

Assim, sabemos que os recursos tecnológicos são os principais recursos de informação e comunicação em uso na nossa sociedade contemporânea. As mudanças tecnológicas que aproximam os sujeitos no espaço/tempo e a globalização, são uma realidade que favorecem ao maior fluxo de interação entre culturas. Lévy (1993) afirma que, as Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) são tecnologias intelectuais que nos proporcionam outras formas de redistribuição das representações culturais, gerando outros valores, outras formas culturais que conduzem a outro perfil de humanidade.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo refletir acerca da produção curricular que se constitui nas salas de aula, com a interferência e apropriações do uso dos dispositivos móveis, em especial o celular, algo comum entre os sujeitos contemporâneos. A discussão parte de indagações sobre usos da tecnologia em sala de aula, assim como da relação entre os diferentes sujeitos inseridos no contexto escolar e tais dispositivos móveis, a partir das mudanças no cenário educacional em consequência de mudanças ocorridas no cenário social contemporâneo e que configura os processos de produção e relação com conhecimento em constante movimento. Para estabelecer este diálogo me aproprio das discussões dos estudos culturais e o pós-estruturais. Compreendendo os fluxos culturais contemporâneos, numa perspectiva que entende a cultura como um processo híbrido, entendendo que a sua própria constituição é um movimento, uma produção contingente.

NATIVOS DIGITAIS

Alguns autores conceituam os jovens que utilizam o celular, assumindo multitarefas a todo o momento e em diversos lugares como “nativos digitais”. Para estes jovens é habitual fazer duas ou três coisas ao mesmo tempo, como, por exemplo, fazer o download de arquivos, episódios de séries ou filmes, enquanto fazem as tarefas escolares e ainda se comunicam por mensagem de texto, com seus amigos reais e virtuais.

A expressão “nativos digitais” é estabelecida para denominar a geração que nasceu após a década de 1980 até meados de 1990 e que se desenvolveu em meio aos grandes avanços tecnológicos e à prosperidade econômica. Estes, também são chamados de “geração Y” ou “geração da internet”. De acordo com Mark Prensky (2010) os “nativos” são exatamente aqueles pertencentes à geração Y, que convivem desde muito cedo com as mais variadas plataformas digitais. Os “imigrantes” são as pessoas que antecedem as gerações tecnológicas e que, mesmo utilizando os elementos digitais, em nossa concepção, podem ter ou não a mesma habilidade dos nativos.

Para o autor, muitos jovens dessa geração obtêm em seu cotidiano informações de forma instantânea e interagem com diversas mídias ao mesmo tempo em função de sua convivência diária com computadores, videogames, áudio e vídeo praticamente desde que nasceram. Além disso, têm o hábito de ficarem constantemente conectados com seus pares, seja através de seus celulares e



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

mensagens instantâneas SMS ou atualmente, no aplicativo *whatsapp*, no *facebook*. Essa geração, como Prensky, destaca, “pensa e processa informações de forma diferente” e sua familiaridade com a linguagem digital faz com que ela seja para eles como uma segunda língua.

Por causa de seu traço online, os nativos digitais podem ser facilmente identificados, por meio do modo com que usam seus equipamentos digitais. Para eles, um telefone celular não é apenas um aparelho com função exclusiva de fazer e receber chamadas e mensagens, mas é utilizado também para desempenhar diversas tarefas, tirar e enviar fotografias, ouvir música, acessar a Internet, etc.

Mark Prensky também foi um dos pioneiros a afirmar que o celular deveria ser utilizado em sala de aula, porque se os estudantes levam os seus celulares para a sala de aula porque não utilizá-los em prol do processo de ensino-aprendizagem? Para ele, os celulares possuem o poder de um computador de mesa dos anos de 1990, mas consumindo pouca energia e ocupando menos espaço (PRENSKY, 2010, P.185) Para Martin e Toschi (2014), a posse do celular assegura um pertencimento a um grupo, como se fosse uma identidade da juventude contemporânea, a posse pelos aparelhos eletrônicos é uma marca dessa juventude. O celular é uma tecnologia pessoal, fácil de usar que a maioria das pessoas utiliza, porém não é aproveitado para ensinar e aprender na escola (MOURA,2010, p.9).

De acordo com Costa (2005, p.96), que estabelece o jovem como exemplo de identidades recriadas de diversas formas, fazendo aparecer novos atores sociais. Podemos considerar estes sujeitos-estudantes pós-modernos como um “novo tipo de estudantes, com novas necessidades e novas capacidades” (GREEN, 1995, p.209), sujeitos que transitam por diversos espaços e tempos, que são integrados, pois nas mídias móveis há uma interação constante, estando na fronteira entre o real e o virtual, e isto provêm de movimentos híbridos.

A concepção teórica que buscamos em nossas investigações com as leituras dos estudos culturais de Bhabha (1998), diferentemente destas perspectivas, entende que não podemos denominar e conceituar a cultura jovem como algo fixo e limitado. Não há uma fixação da cultura jovem, pois consideramos que todos os sujeitos estão inseridos no mesmo espaço-tempo, fazem



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

parte desse movimento contemporâneo e estão inseridos nesse fluxo global que está em constante movimento e transformação. Nesta perspectiva, se identificarmos os jovens apenas como pertencentes a uma cultura de nativos digitais, aqueles característicos das zonas rurais ou aqueles que não têm acesso ao computador e aos dispositivos móveis, por exemplo, são excluídos deste movimento contemporâneo. Ou seja, a partir do momento que acreditamos que a cultura é híbrida e ambivalente, na qual todos os sujeitos estão inseridos e produzem cultura e que há um movimento nos fluxos globais onde a cultura é contingencial e está em constante transformação podemos entender os jovens como produtores de cultura.

De acordo com Costa (2005, p.96), que estabelece o jovem como exemplo de identidades recriadas de diversas formas, fazendo aparecer novos atores sociais. Podemos considerar estes sujeitos-estudantes como um “novo tipo de estudantes, com novas necessidades e novas capacidades” (GREEN, 1995, p.209), sujeitos que transitam por diversos espaços e tempos, que são integrados, pois nas mídias portáteis há uma interação constante, estando na fronteira entre o real e o virtual, e isto provém de movimentos híbridos.

De acordo com Silva (2015):

O virtual é uma nova modalidade de ser, cuja compreensão é facilitada se considerarmos o processo que leva a ele: a virtualização. Esta perspectiva possibilita pensar em relações sociais simultâneas e acesso imediato a qualquer parte do mundo, inaugurando uma nova percepção do tempo, do espaço e das relações sociais. É no espaço virtual que se pode experimentar uma nova sociabilidade, compartilhando um espaço marcado por novas relações. Neste novo século, a sociedade se caracteriza pela vasta quantidade de informação em fluxo e por seu consequente acesso, bem como a acelerada alteração e atualização da informação. (SILVA; 2015)

Neste *espaçotempo* híbrido percebemos uma grande integração de linguagens que impactam numa nova dinâmica da formação da cultura, a familiarização com novas tecnologias da informação potencializam ainda mais a influência da tecnologia sobre diversos aspectos sociais.

PRODUÇÃO CULTURAL DO CURRÍCULO NO ESPAÇO HÍBRIDO



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

A comunicação contínua entre os jovens e usuários das mídias móveis vai além dos ambientes virtuais, no espaço físico permite que os jovens (e não só eles) se comuniquem dentro das paredes da sala de aula e além delas, não somente entre o grupo da turma, mas das outras turmas; fora da escola; com a família e amigos que não estão no mesmo ambiente. Ocorre o que podemos dizer como uma “onipresença”, os jovens ao se conectarem pelo celular estão em diversos ambientes e *espaçostempos* de interação, não necessitando se deslocar da sala de aula para que a mensagem ou conteúdo possa ser compartilhado. Ou seja, ao mesmo tempo em que os estudantes estão sentados, enfileirados na sala de aula, estão também compartilhando informações com os outros estudantes, estão interconectados com pessoas presentes no mesmo espaço físico que eles ou não.

Dessa forma, podemos entender o ambiente escolar como um espaço híbrido e que nele há produção cultural do currículo. A hibridização do ambiente escolar se dá porque este espaço é móvel, conectado e social, criado pela constante movimentação de usuários que carregam aparelhos móveis que se conectam a internet e a outros usuários (Souza e Silva, 2006). Essa mudança na comunicação *interfacial* transforma as relações sociais e também os espaços onde está inserida, pois todos os ausentes (os amigos de fora da escola, a família, etc) estão presentes em outra interface, estão conectados e se comunicando em tempo real. Assim, as relações sociais e de comunicação continuam estabelecidas, elas se fazem presentes em um ambiente que não é mais exclusivo para o aprendizado, mas é de continuidade das relações sociais. Nesse espaço, o celular é uma interface social que re-conceitualiza e redefine as relações comunicacionais.

No ambiente escolar e na produção curricular se encontram distintas culturas que interagem de forma a negociar a sua existência e de representá-la. Dessa forma, podemos entender o currículo como espaço de produção cultural (MACEDO, 2008); as culturas não são fixas, elas são fluídas/flexíveis/dinâmicas propiciando interações e articulações entre elas, de modo a resultar na resignificação e reinterpretação. Assim as culturas estão para além da perspectiva de produção e reprodução cultural. Bhabha (2003) entende a cultura como atividade significante/simbólica, pois todas as culturas são constituídas por símbolos. A partir dessa perspectiva, a sociedade pós-



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

moderna é caracterizada pela pluralidade de identidades, pois os sentidos presentes na sociedade são mutáveis e os sujeitos que estão inseridos nela também (SILVA, 2015). Esta pluralidade é vista nos ambientes virtuais também, embora haja uma tentativa de globalizar as culturas por meio da internet e da interação das comunicações, as diferenças só são enfatizadas, pois as culturas não são fixas e os sujeitos também não.

Percebemos que atualmente, os alunos não mantêm totalmente o foco em conteúdos inertes e com separação rígida entre o que se vive na escola e a vida real. Os alunos estão a todo o momento resignificando o uso do celular e trazendo para seu cotidiano aquilo que está rígido e inerte. Bhabha (2003) destaca os processos híbridos pelos quais os sentidos da cultura ocorrem numa produção de sentidos imprevistos, performático em suas repetições, visto que o tempo do enunciado é diferente do tempo da enunciação. Assim, quando o aluno utiliza o celular desta ou de outra forma não há sentidos previamente estabelecidos, acabados, mas há sentidos híbridos.

Então, podemos dizer que as apropriações pelos alunos da tecnologia não são únicas, quando o aluno utiliza a tecnologia ele atribui um significado e a partir disto os outros significados não perdem o sentido, mas que eles podem utilizar o computador de outras formas, sendo para leitura e escrita, para pesquisa, ou para *games*, os alunos se apropriam da tecnologia de uma maneira e de outra. Há processos de significação e resignificação da tecnologia, sendo todos estes, de acordo com Bhabha (2003), processos híbridos. Não há uma dualidade, pois a produção de cada elemento “duo” já se apresenta como híbrida. Sendo assim, não é necessário destacarmos uma dualidade em relação ao uso e a apropriação da tecnologia, pois, para ser híbrido e ambivalente, a produção de sentidos não precisa ser de dualidade.

Não tomamos como base o uso da tecnologia pelos jovens como um processo que deve ser separado do cotidiano escolar, entendemos que este comportamento, faz parte de uma ação híbrida e ambivalente, visto que o uso do celular permite relacionar os conteúdos escolares com as demandas dos jovens. As discussões promovidas por diferentes maneiras de olhar este comportamento não se polariza, pois as produções advindas deste contexto se constituem no *entrelugar*, como Bhabha



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

(2003) nos permite refletir, onde este processo não necessita ser fixado; ele não é nem um, nem outro.

São nestes espaços-tempos de fronteira que diferentes discursos se relacionam e se hibridizam. No *entrelugar* há a possibilidade de vivenciarmos as trocas, em que lutas para fixação de sentidos são travadas pelos sujeitos que também se constituem nesse processo. Entendendo o currículo enquanto *entrelugar* de enunciação cultural (MACEDO, 2008). A cultura está no cerne da produção do currículo, pois está intrinsecamente ligada à educação. Ao enfatizar a cultura como enunciação, podemos identificá-la como conjunto de sistemas de significações que buscam, através de disputas, espaço de enunciação e representação (SILVA, 2015). Dessa forma, a concepção de currículo deve ser pautada no reconhecimento da diferença sem hierarquias. A diferença se faz a partir da criação de novos sentidos, pois o *entrelugar* é um espaço de resignificação e de (re)criação do próprio uso do celular, um espaço de intervenção no agora, onde há a possibilidade de vivenciarmos as trocas, em que lutas para fixação de sentidos são travadas pelos sujeitos que também se constituem nesse processo. Então, podemos afirmar que é um *espaçotempo* em que há negociação entre o uso da tecnologia e das práticas de *ensinoaprendizagem* na escola. São nestes espaços-tempos de fronteira que diferentes discursos se relacionam e se hibridizam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As TICs, numa perspectiva cultural, estão constituindo e produzindo novos tipos de sujeitos, como os jovens e nativos digitais, citados no presente trabalho. A internet, os dispositivos móveis e por último mais especificamente o celular podem ser vistos como os grandes responsáveis por essa mudança na sociedade contemporânea. Podemos observar que os sujeitos, na prática cotidiana, ao produzir outros sentidos para as suas ações na relação direta com a tecnologia, estão se apropriando da tecnologia como outra linguagem – e não somente como disponibilidade de aparato midiático. A tecnologia como linguagem pode ser compreendida como a possibilidade de mudança na forma como os sujeitos captam o mundo e as coisas, como se relacionam com o mundo *dentrofora* dos espaços, na fronteira, onde é possível enunciar produções outras e, ao enunciar, elas se modificam e modificam o outro.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Assim, os processos de articulação e produção proporcionados aos diferentes sujeitos que transitam por diferentes *espaçostempos*, residindo na fronteira entre o real e virtual, são fruto de movimentos hibridizados que produzem novos/outros híbridos culturais. Nesse sentido, tais movimentos são produções culturais que constituem o currículo. Então, são pontos móveis de articulação na produção que se constituem no processo que envolve a produção do currículo no ambiente escolar.

As relações sociais que ocorrem atualmente também se dão em meio às influências midiáticas, principalmente com relação ao ciberespaço. As mídias relacionam-se à perspectiva de identidades e à interação social que pode ser vinculada ou desvinculada ao espaço físico, não havendo assim fronteiras para relacionar-se com o outro, independente do lugar deste. (SILVA, 2015)

Dessa forma, entende-se que a presença de distintas mídias no cotidiano escolar é notória e que as mesmas incluem identidades e culturas. No ambiente escolar ao mesmo tempo em que há uma reprodução de sentidos, também há a criação de sentidos, e assim, o currículo é pensado como lugar de produção ambivalente.

Repensar práticas educadoras no ambiente escolar que articulem o uso dos celulares e ao mesmo tempo os conteúdos formais para que os jovens continuem se apropriando das novas tecnologias em favor do processo de *ensinoaprendizagem* é de fundamentação importância para que a escola seja esse espaço híbrido das novas relações sociais. Entretanto, esta discussão não se esgota aqui, os significados dados e atribuídos neste trabalho são temporários e podem/devem ser resignificados e aprofundados, tendo em vista a linguagem da tecnologia na sala de aula e no trabalho pedagógico, como proposta de reconfiguração do campo de produção curricular no diálogo com os sujeitos.

REFERÊNCIAS



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

AMORA, Dimmi. Professor, você está preparado para ser dono de um meio de comunicação de massa? In: FREIRE, Wendel (org.). *Tecnologia e educação: as mídias na prática docente*. 2. Ed. Rio de Janeiro: Wak Ed, 2011.

BHABHA, Homi K. *O Local da cultura*. Horizonte: Ed. da UFMG, 2003.

COLL, C. e MONEREO, C. Educação e aprendizagem no século XXI: novas ferramentas, novos cenários, novas finalidades. In: COLL, C. e MONEREO, C. (Orgs.) *Psicologia da Educação Virtual: aprender e ensinar com as tecnologias da informação e da comunicação*. Porto Alegre: Artmed, 2010, pp. 15-46.

CORTELAZZO, Iolanda B.C. Tecnologia, Comunicação e Educação: a tríade do século XXI. S & TM Revista de Ciência e Tecnologia. Anais do I Congresso Internacional sobre Comunicação e Educação. Cptec do Centro Universitário Salesiano, Campinas, Ano I N.2, mai/ago1998. Disponível em: www.eca.usp.br/nucleos/mcl/pdf/congress_textos.html, Acesso em: 27 abr. 2015.

COSTA, Marisa Vorraber. Quem são, que querem, que fazer com eles? Eis que chegam às nossas escolas as crianças e jovens do século XXI. In: MOREIRA, Antonio Flávio; GARCIA, Regina Leite; ALVES, Maria Palmira (Orgs.). *Currículo, cotidiano e tecnologia*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

GREEN, B. & BIGUM, C. Alienígenas na sala de aula. In: SILVA, Tomaz T. (org.). *Alienígenas na sala de aula*. Uma introdução aos estudos culturais em educação. Petrópolis: Vozes, 1995.

LÉVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência. O futuro do pensamento na era da informática*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

LOPES, Alice e MACEDO, Elizabeth. *Teorias de Currículo*. São Paulo: Cortez, 2011.

MACEDO, Elizabeth. Currículo: política, cultura e poder. *Currículo sem Fronteiras*, v.6, n.2, pp. 98-113, jul/dez 2006.

_____, Elizabeth. *Currículo, Cultura e diferença: o caso da Multieducação com ênfase nas ciências - projeto de pesquisa*. Rio de Janeiro, 2008.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

MAYER, R. E. Multimedia Learning. New York: Cambridge University Press, 2001.

PRENSKY, M. Não me atrapalhe, mãe - Eu estou Aprendendo! São Paulo: Editora Phorte, 2010.

_____. Aprendizagem Baseada em Jogos Digitais. São Paulo: Senac, 2012.

SILVA, J. V. RELAÇÃO ENTRE CURRÍCULO E O USO DAS MÍDIAS: O CASO DO PROJETO KIDSMART NA EDUCAÇÃO INFANTIL In: VIII Seminário Internacional: AS REDES EDUCATIVAS E AS TECNOLOGIAS: MOVIMENTOS SOCIAIS E EDUCAÇÃO, 2015, Rio de Janeiro. VIII Seminário Internacional As redes educativas e as tecnologias: movimentos sociais e educação, 2015.